



Apoios ao 25. Festroia

À sombra da crise financeira internacional, houve apoios que desapareceram este ano do orçamento do Festroia: os vereadores do PS e do PSD na Câmara Municipal de Setúbal fizeram aprovar um corte de 30 mil euros no apoio concedido pela autarquia ao Festroia; alegando já não ter interesses em Setúbal, a Chamartín deixou simplesmente de apoiar o festival; e o Instituto do Cinema e do Audiovisual, alegando diminuição de verbas para Festivais, achou por bem diminuir o valor do apoio concedido ao festival no ano em que este completava um quarto de século.

Felizmente, não baixámos os braços e o nosso esforço foi parcialmente compensado com o surgimento de novos parceiros, como a Fundação Buehler-Brokhaus e a Caja Duero, bem como com o aumento da verba disponibilizada pelo programa europeu MEDIA, que reconheceu o carácter único do Festival Internacional de Cinema de Setúbal enquanto promotor do cinema de qualidade que se produz na Europa. De salientar, que as três entidades mencionadas são estrangeiras.

Apesar disso, o nosso orçamento para este ano é menor e, soubemos recentemente, ainda vai sofrer mais uma redução, pois a Entidade Regional de Turismo de Lisboa e Vale do Tejo (T-LVT) pretende diminuir o seu apoio de 32.500 euros para 5.000 euros, um corte que ronda os 85%.

Esta medida – que afectou também o Festival de Teatro de Almada, outra iniciativa cultural meritória do distrito de Setúbal – é indigna, pois afecta de forma inesperada as finanças de eventos com provas dadas e, além do mais, contribui para acentuar a perda de identidade de uma região na qual o Festroia se sentia plenamente integrado.

Era com orgulho que entregávamos, no âmbito do festival, o Prémio Costa Azul ao melhor filme da secção O Homem e a Natureza. Agora, que vamos fazer com este prémio? Faz sentido mantê-lo, quando o apoio concedido toma valores que não dignificam sequer a entidade que o atribui?

Se a reestruturação governamental extinguiu e desmembrou a Região de Turismo da Costa Azul, colocando dois terços dos concelhos desta no Turismo de Lisboa e Vale do Tejo e um terço no Turismo do Alentejo, de que nos serve a nós insistir em divulgar uma marca com 40 anos de existência e uma identidade própria assente na qualidade e na diferença, factores-chave num mercado como o do turismo?

Como evento turístico que é, o Festroia sabe que uma marca leva tempo a construir e foi por isso que não mudou de nome quando atravessou o Sado, optando apenas por modificar ligeiramente a sua designação longa, passando a chamar-se Festroia – Festival Internacional de Cinema de Setúbal, em reconhecimento pelo concelho que o acolheu.



Ninguém acreditaria se lembrássemos que, ainda há três anos, a Costa Azul foi, de entre todas as regiões que passaram a integrar as novas entidades de Lisboa e Vale do Tejo e do Alentejo, aquela que mais cresceu e mais se afirmou tanto em termos absolutos como em termos percentuais.

Talvez por isso, o actual vice-presidente da T-LVT e ex-presidente da Região de Turismo da Costa Azul, Eufrázio Filipe, afirmou em 2008 que esta reestruturação era «um embuste e uma falácia que não serve o turismo, não reorganiza o território de forma coerente, destrói marcas turísticas, governamentaliza as novas estruturas e destrói o investimento efectuado ao longo de muitos anos de trabalho partilhado».

Então que interesses maiores conduziram a esta decisão? Ouvimos dizer que grande parte do orçamento da nova mega região de turismo foi para despedimentos e respectivas indemnizações e soubemos que os eventos culturais ficaram sem subsídios. Mas isto é bom para alguém? Quem é que ganha com isto?

A resposta mais plausível foi dada, em 2008, pelo mesmo Eufrázio Filipe, que criticando esta reestruturação disse que os únicos beneficiados pelas novas entidades seriam «os grandes interesses do imobiliário turístico e os interesses políticos tribais». Se de facto assim for, é absolutamente lamentável.